

Apresentação: Dossiê Teorias Sapatonas/Teorías Tortilleras

Joana Ziller¹
Dayane do Carmo Barretos²
Ianina Moretti³
Vir Cano⁴

Ao falar de teorias sapatonas/tortilleras, estamos falando de teorias lésbicas? De feminismo? De feminismo lésbico? Ou, acaso, de um feminismo desviado e de um lesbianismo cuir? Como e onde se encontram (ou se desencontram) a teoria, o lésbico e os feminismos? E a academia, os ativismos e a produção de saberes dissidentes? É possível construir, fantasiar e disputar uma maneira sapatona/tortillera de fazer teoria?

Em maio de 2024, na cidade de Córdoba, sob o abrigo que nos ofereceu a universidade pública por meio da Faculdade de Filosofia e História da Universidade Nacional de Córdoba, realizaram-se as “Primeras Jornadas de Teorías Tortilleras: Memorias, errancias y vísceras conceptuales”. As jornadas foram espaço e ocasião de conversas atravessadas pelo lésbico: conjecturas, revisões e análises de arquivo, modos de circulação do conhecimento, apostas na f(r)icção conceitual, cruzamentos com os ativismos e tantas outras formas de encarnar a teoria. Foi ali que nos conhecemos, nós que editamos este número especial que, de algum modo, dá continuidade e amplia esse encontro no qual buscamos cartografar e entrelaçar as produções acadêmicas do esquivo e disperso campo das teorias lésbicas. Pensar esse território movedição conjuga dois gestos

¹ Prof. permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social e do departamento de Comunicação Social da UFMG. Vice-coordenadora do GT Comunicação, Gêneros e Sexualidades da Compós. E-mail: joana.ziller@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5352059274589464>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3150-1567>.

² Dra. em Comunicação Social - UFMG. Prof. do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social e do Departamento de Comunicação Social da UFMG. E-mail: dayanebarretos@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5035013066167564>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1947-4439>.

³ Dra. em filosofia, Universidad Nacional de Córdoba (Arg.) Prof. Em FFyH y em FCS, UNC. E-mail: ianina.moretti@unc.edu.ar. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0587-4885>.

⁴ Drx. em filosofia, Universidad Nacional de Buenos Aires (Arg.) Investigadorx Asistente de IIEGE-CONICET. Prof. de la FFyL-UBA y la UNLA. E-mail: vcano878@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9974-491X>.

importantes para nós: por um lado, põe em prática o desejo de mapear uma das linhas atuais da produção científica local e, por outro, se articula à aposta de fazer do “lésbico” não um lugar de reforço identitário, mas uma perspectiva epistemológica crítica capaz de produzir saberes situados no âmbito da(s) academia(s) sudaca(s) e em um diálogo fértil e complexo com os a sociais. Teorias tortilleras, teorias sapatonas, então, como promessa em ato de outras figurações possíveis, como articulação coletiva da prática teórica. Partimos, portanto, de um histórico de autoras que remete aos anos de 1970 e à segunda onda do feminismo.

Os textos aqui reunidos dialogam e se reapropriam de algumas das referências teóricas mais importantes e pioneiras daquilo que, com Monique Wittig, poderíamos chamar de “uma perspectiva lésbica”: um olho sapatão e um olfato tortillero com os quais se aproximar da produção, circulação e disputa de conceitos e matrizes interpretativas. O conjunto de nomes que insiste nos escritos fornece chaves e semblantes para mapear esse campo das teorias sapatonas/tortilleras que se estendem ao passado e a outras latitudes, para serem recuperadas de maneira “torta” e deslocada em nossas produções locais do Sul. Wittig se apresenta, nesse sentido, como um ponto de referência teórica e figurativa fundamental. E isso não é casual, mas retoma e reinscreve aquele desacato epistemológico inaugural da escritora francesa e materialista para quem “a perspectiva fértil y complejo con los movimientos lésbica” poderia funcionar como um ponto de vista crítico a partir do qual se aproximar e reelaborar as posições feministas e materialistas das quais ela fazia eco.

Assim, em 1978, a autora de *As guerrilheiras* e *O corpo lésbico* defendeu a necessidade de pensar a heterossexualidade como um regime político e epistemológico que produz os modos de vida sociais possíveis, sustentando-se em uma “ideologia da diferença sexual” que condiciona nossa vida pessoal e social. A articulação conceitual da heterossexualidade como regime político opressivo e explorador, juntamente com a reivindicação de uma “perspectiva lésbica materialista” por parte de Wittig, significou um sobressalto para a imaginação feminista, materialista e ativista de sua época. Ela também nos legou uma ponta de lança para elaborar figurações “fugitivas” e “excêntricas” – como leram Teresa de Lauretis e val flores em suas reinvenções

wittigeanas. A afirmação de um sujeito “para além do homem e da mulher”, condensada na frase mais polêmica e famosa de Wittig, segundo a qual “as lésbicas não são mulheres”, constitui a abertura de um imaginário epistemológico e social fundamental para o desenvolvimento das teorizações lésbicas. Trata-se também de um insumo central para fantasiar outras ficções eróticas, comunitárias, afetivas e políticas, como aquelas que aparecem neste Dossiê.

Em linha similar, o debate de Adrienne Rich sobre heterossexualidade compulsória (2019), originalmente apresentado em 1980 em um artigo na revista *Signs*, sugere que a heterossexualidade precisa ser vista como uma instituição política. Tanto Wittig (2022), quanto Rich estavam debatendo com as feministas, demandando a ampliação de um movimento que resistia a incluir a pauta lésbica, a empurrando para o domínio do privado. Também compunha esse debate o trabalho de Gayle Rubin, que parte da ideia de um sistema de sexo-gênero para, ainda em 1975, trazer à tona que a opressão às mulheres não vem da natureza, mas se dá a partir da maneira como as relações são construídas. Quase dez anos depois, ainda investigando as hierarquias que compõem as relações, Rubin trata das políticas do sexo, denunciando que mesmo a literatura feminista tratava as variações sexuais (2017), como transexualidade, homossexualidade, promiscuidade e sadomasoquismo, de maneira negativa. Apontando que “o sexo é sempre político” e adotando uma postura pró-sexo, Rubin é mais uma a defender que o feminismo precisava se repensar.

A questão racial foi colocada por autoras contemporâneas, entre elas Audre Lorde, que ampliou a demanda a partir de um foco mais amplo, uma vez que a questão racial está presente em todo o seu trabalho. Se declarando como uma “lésbica, negra, feminista e socialista” (2020, p. 141), Lorde traz à tona em seu trabalho a impossibilidade de olhar apenas para o gênero ou a orientação sexual, destacando como a discriminação e a busca por alianças marcam suas vivências – que faziam dela negra entre as lésbicas, lésbica entre as negras. Lorde é autora de muitas das frases ainda usadas nos ativismos, como “as ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande” e “não existe hierarquia de opressão”, que nomeiam textos publicados originalmente em 1979 e 1983.

Além da questão racial, Audre Lorde também difere de Rich, Wittig e Rubin por sua origem ligada às camadas populares – assim como Gloria Anzaldúa. Anzaldúa se tornou amplamente conhecida a partir da coletânea *This bridge called my back: writings by radical women of color* (1981). Ela compartilha com Lorde o gosto pela literatura e também internacionalmente reconhecida por sua obra literária. Conhecida como uma das precursoras do pensamento queer (ou cuir, como usaremos neste texto, exceto quando as autorias tiverem adotado queer), foi a primeira a usar o termo no âmbito acadêmico e seu trabalho é fortemente marcado pelas ideias de fronteira e de mestiçagem. Assim como Lorde, Anzaldúa percebia ser vista como uma mulher de cor entre as lésbicas e sua lesbianidade causava estranhamento e desencaixe em sua família e na comunidade chicana em que cresceu. Defendendo um posicionamento contra colonial, a autora questiona o uso do termo lésbica: “é um termo de identidade usado por lésbicas brancas de classe média”, afirmou (2021, p. 184), dizendo preferir ser chamada de queer, marimacha e outros termos usados para nomear as lesbianidades em sua comunidade.

O queer introduzido por Anzaldúa marca a obra de dois outros nomes importantes em nosso percurso: Teresa de Lauretis e Jack Halberstam. Se Anzaldúa foi a primeira a usar o termo queer academicamente, Lauretis é responsável por defini-lo. Em 1990, a autora chamou de Teoria Queer uma palestra sobre sexualidades gays e lésbicas que faria na Universidade da Califórnia (Halperin, 2014). Provocativo para a época, o título causou controvérsia e a conferência se tornou um texto publicado na revista *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, em que Lauretis (1991) traça o que ficaram conhecidas como as bases iniciais do que viria a ser a teoria cuir, destacando a necessidade de incluir nos estudos cuir questões de gênero e raça, classe, geracionais, geográficas, entre outras.

Lauretis também contribui para questionamentos de ordem epistemológica, que buscaram desestabilizar noções rígidas relacionadas ao gênero e às sexualidades. A proposta da autora em seu ensaio clássico “Tecnologias do gênero”, publicado originalmente em 1987, é de que o sujeito se constitui no gênero, não apenas pela diferença sexual, mas pela linguagem e pelas representações. O gênero seria, portanto, formado pela experiência dos sujeitos sociais que o representam, constroem e

desconstroem ao longo da história. No entanto, um sujeito é “engendrado”, para utilizar o termo da autora, não só nas relações do sexo, mas também de raça e classe.

Por sua parte, em 1988, Jack Halberstam (2008) publica *Female masculinity*, obra que questiona a noção de que as masculinidades pertenceriam ao domínio inequívoco do homem (no caso, cisgênero). A proposta, ao visibilizar formas pré-identitárias de masculinidades femininas, efetua um rompimento com a lógica binária, importante para a teoria cuir. Além disso, identifica diversas formas de apropriação de masculinidades por mulheres que, no entanto, não cabem na categoria lésbica, contribuindo para uma complexificação dos debates sobre a história das lesbianidades.

Mais recentemente, nos anos 2000, Jules Falquet retoma a herança teórica do feminismo materialista francês, do qual Monique Wittig foi parte fundamental, para afirmar que as lesbianidades florescem em todos os lugares e de maneiras bastante complexas e variadas. Num movimento que nos remete a Lorde, se identifica como lésbica, feminista, anti-racista, anticapitalista e anti-colonial, apontando também para a necessidade de se ampliarem os olhares (Falquet, 2017).

Assim, o que tentamos fazer neste Dossiê é : em diálogo com as autoras canônicas do pensamento lésbico, ampliar olhares, propor caminhos possíveis às teorias sapatonas/tortilleras. As reflexões dessas autorias canônicas, que deram contribuições tão significativas para os estudos das lesbianidades, são mobilizadas e atualizadas nos textos deste dossiê. Mas além disso, há também um conjunto de novas autorias, que vamos descobrindo em cada texto, e que possibilitam a complexificação do debate para além da denúncia da invisibilidade lésbica. Afinal, mesmo sendo de grande importância, a questão da invisibilidade definiu durante muitas décadas o rumo das pesquisas em lesbianidades e, agora, é fundamental dar um passo adiante.

Esse conjunto de artigos é fruto de um desejo não só de reunir discussões de pessoas pesquisadoras que têm se dedicado às pesquisas sobre lesbianidades, mas também em evidenciar como um campo de estudos tem se constituído no Brasil e na Argentina, sem que nos déssemos conta totalmente. Isso porque estamos espalhades, em diferentes universidades, em diferentes coletivos e movimentos. No contexto da academia, a sensação que predomina é de que estamos sozinhas, em nossos departamentos e

programas de pós-graduação, em esforços atomizados. O que, conforme vemos nesse Dossiê, não é totalmente verdade. Não mobilizamos apenas autorias semelhantes, mas também questionamos o sujeito da lesbianidade, refletimos sobre políticas identitárias, buscamos dar visibilidade a produções sapatonas/tortilleras, propomos políticas de alianças para mudanças políticas.

Certamente há diversas diferenças nas abordagens, mas há também muitas similaridades. Semelhanças que indicam um caminho percorrido, talvez até individualmente, mas também trilhas abertas para percorrermos coletivamente.

Em “A arte sapatão no Brasil: fios e desvios”, Adriana Galuppo dá um passo importante na identificação de um movimento conjunto nas artes ao traçar um panorama da produção artístico-cultural das artistas sapatonas brasileiras nas três últimas décadas. O texto busca visibilizar artistas sapatonas que apresentam em suas produções questões relacionadas às existências e vivências lésbicas e sapatonas, partindo do pressuposto de que essas práticas artístico-culturais são práticas dissidentes e identificando os anos 90 como um ponto de virada, em que essa arte deixa de estar confinada.

A busca por formas de confluências e alianças que possibilitem a criação de uma ética anti-CIStema é o tema do ensaio de Julianna Paz Japiassu Motter, chamado “Ética Sapatrans: confluências e alianças por uma ética anti-CIStema”. Ampliando a noção de Ética sapatrans, proposta por Motter em outros trabalhos, o objetivo desse texto é pensar um alargamento da dimensão identitária das lesbianidades e sapatônicas de modo a garantir o reconhecimento e acolhimento de sujeitos não cis. Para Motter, a ética é uma dinâmica relacional entre sujeitos, que se baseia no reconhecimento da validade e da relevância dessas existências. Assim, a Ética sapatrans, ao promover esse reconhecimento, pode contribuir para estratégias de questionamento e confrontação de hierarquias no interior da própria dissidência.

Ao escrever sobre lésbicas no fim do mundo, Natalia Borges Polesso busca colaborar para compor imaginários de mundos – e de fins de mundo – possíveis para além das expectativas normativas. Em “Lésbicas até no fim do mundo: uma proposta para a composição de novos imaginários”, a autora faz um relato sobre processos de escrita, conta como formulou as personagens não normativas de suas obras. Mas, além disso,

mobiliza perspectivas da dissidência de gênero, da decolonialidade e da ecologia para questionar: qual mundo precisa acabar para que sejamos vistas e reconhecidas?

Outro questionamento fundamental presente no conjunto de textos do Dossiê é “Quem é o sujeito da lesbianidade?”, que Paula Silveira-Barbosa, Mônica Saldanha e Leíner Emanuella de Carvalho Hoki buscam responder a partir das contribuições de Monique Wittig, Judith Butler e Vir Cano. Após realizar uma recuperação das proposições presentes nas obras dessas três autorias, afirmam que elas possibilitam uma compreensão das lesbianidades como categoria instável, fluida, politicamente poderosa e permanentemente reconfigurada. O texto questiona posições essencialistas dos ativismos e da teoria lésbica e defende a importância de rever os estudos pioneiros, destacando seu potencial disruptivo.

Já em “Des/encaixes cuir do velcro: corpos, imagens e cinemas em fricção”, Ramayana Lira de Sousa e Alessandra Soares Brandão propõem o velcro como conceito teórico-metodológico que desafia normas da análise fílmica tradicional, simbolizando o deslocamento, o desencaixe. O velcro, no texto, evidencia um movimento dinâmico de colagem e descolagem que, por não visar à adesão permanente, não busca estabilizar identidades e, assim, evoca tensões, afetos e resistências das experiências sapatão e cuir. Ao acionar experiências sexuais lésbicas a partir da noção de velcro, com a relação dos corpos e o atrito, a proposta das autoras pretende reconfigurar o cinema a partir do desejo sapatão e de um exercício de constante desencaixe.

As teorias sapatonas/tortilleras de nossos suís situam-se em um limiar poroso e agônico que conecta e separa a academia dos ativismos, os feminismos dos movimentos LGBTQ+, a interdisciplinaridade da revolta epistêmica. Entre o feminismo e o lesbianismo, se nos permitem os nominalismos, há um apego feroz que se faz carne nas camas e também nas salas de aula, nos livros, nos filmes e nas camisetas, nas manifestações a céu aberto e nos corredores das instituições, nos conceitos e em nossos corpos. Entre um e outro, um vínculo apaixonado, contraditório, cheio de “dobras e fronteiras” porosas, para usar a expressão de Andrea Lacombe. Como ela desenvolve em seu artigo, “Pliegues y fronteras: el lesbianismo como feminismo de la periferia”, o lésbico pode emergir como uma perspectiva “periférica” a partir da qual aprofundar essa

relação perigosa que se abre às “interseccionalidades relativas al color, la clase, la lengua, la nacionalidad, la orientación sexual y la identidad de género, entre otras.”. O texto nos propõe um “ejercicio de descolonización” que, atento aos “espacios de frontera” (Anzaldúa), avança no “debate feminista e descolonial” para el “debate feminista y descolonial” para “tejer una urdimbre en la que estamos [...]. Una mezcla no exenta de conflicto”, sem homogeneizar nem neutralizar as tensões que residem nesse desencontro.

Ianina Moretti e Vir Cano, em seu escrito “Eróticas lésbicas para una bisexualidad nómada: habitando la porosidad de la frontera”, aprofundam, como uma parte importante dos textos reunidos neste dossiê, a figura e a potência do limiar em que se situam o lésbico e o bissexual. As autoras exploram, a partir das figuras do limiar, do exílio, da fronteira e da intempérie compartilhada, a ideia de um erotismo nômade que funciona como lugar possível de des/encontro ou de f(r)icção entre os prazeres e as identidades bissexuais e tortilleras. Apostando em uma hospitalidade do aberto, que evita as fronteiras identitárias e reivindica a porosidade do contágio, o “tortillero” se apresenta como um espaço de trânsito e fricção dos corpos e dos prazeres cuir.

Retomando as palavras de Laura Arnés em seu artigo “Resistencia feminista: antifascismo y hetero-disidencia. El archivo Ocampo como archivo del presente”, poderíamos dizer que a “crispación” é outra das tonalidades conceituais e figurativas que o lésbico pode assumir. Laura analisa “una zona del archivo de Victoria Ocampo” para propor “la posibilidad de que el feminismo en Argentina, especialmente en su vertiente heterodisidente, haya tenido, históricamente, como condición ética (e incluso, ontológica) ser antifascista.”. Victoria Ocampo se apresenta, na leitura de Arnés, como uma “identidad fuertemente antipatriarcal que tuvo por condición un antifascismo con matices antirracistas y que se sostuvo sobre una red transnacional de mujeres sexualmente disidentes”. Recuperar essa genealogia antifascista e antirracista dos movimentos heterodissidentes, nos quais se inscreve o lesbianismo, é uma maneira de recuperar esses “futuros abiertos por los fantasmas del pasado”, por esses “pedazos de pasado” que guardam, no aqui e agora, uma zona de promessas de nossos arquivos e ativismos.

Em “Desde las cenizas de una identidad. Chonguez, anacronismo y nostalgia”, Laura Gutiérrez retorna a outra questão persistente: os modos de imaginar e de fazer

circular visualidades lésbicas, evitando enquadrá-las em uma representação específica. A aposta ganha atualidade e até urgência, sobretudo no contexto argentino que “retoma las formas más crueles y explícitas de la violencia alrededor de ciertas expresiones y cuerpos que se desvían de las coordenadas dicotómicas del género”. Nesse marco, o artigo aparece também como um chamado, desde a profundidade teórica, à reconstrução de alianças políticas e afetivas.

Por sua vez, Fabi Tron e Gabi Herczeg propõem um trabalho excepcional de e com o arquivo a partir do material documental digitalizado do ativismo lésbico na Argentina, “Potencia Tortillera”. “Memorias cimarronas del activismo lésbico en Argentina” compartilha um percurso por diversas entradas desse Arquivo, considerado de modo fragmentário. A proposta de trabalho implica também compreender e ativar o arquivo como cultura pública, permitindo recuperar respostas ao trauma: o texto convida a seguir pistas e traços de certas “pioneiras” do ativismo lésbico, com o horizonte de construir “memorias y sentidos de visibilidad más múltiples y cimarrones”. As marcas daquele ativismo insistem em um presente que nos diz respeito e em um futuro que nos compromete.

O artigo de Anahí González, “Prófugas y fugitivas de lo humano: entramados tortilleros, queer y animales”, propõe um cruzamento promissor entre a teoria queer, as teorias tortilleras e os estudos críticos animais para analisar um conjunto de narrativas, poéticas e práticas ativistas. Assim, a partir de uma análise crítica do poder hierárquico e binarista da noção de humano, resgata, em contrapartida, o “potencial tortillero de la animalidad y el potencial animal de lo tortillero”. Nesse entrelaçamento, o trabalho aposta em instâncias que possibilitam a desarticulação tanto da binariedade de gênero quanto da dicotomia entre o humano e o animal.

Esta constelación de escrituras compõem un dossiê tan heterogéneo como prometedor. Hemos partido de entender la teoría como un trabajo, en su sentido mais material y contra sus capturas simbólicas. Do mesmo modo, entendemos que no se puede habitar sin los laços que nos sostienen con outro tipo de escrituras y producciones de pensamento, expresiones y búsquedas, pues la experiência tortillera/sapatona nos ensina

que la teoría es también una superficie epidérmica. Táctil o tangible, la teoría tortillera/sapatona nos submerge en la confusión entre quien toca y quien es tocado. Se vuelve, entonces, más perceptible la comunidade que nos sostiene. Esta introdução encarna también ese roce en su propia materialidad textual: escribir a cuatro manos entre el español y el portugués nos invita a habitar las fronteiras porosas del linguagem, donde la escritura se vuelve un gesto performativo que juega y traspasa la tradução cultural. En el portunhol – esa lengua bastarda y fértil – encontramos un ensayo comunicativo que dissolve las geografías lingüísticas para intentar outros modos de contacto, contaminación y complicidad entre nuestros corpos y saberes. La apuesta es, en contextos opresivos y precarios, insistir en una teoría torta, en un texto torcido/torto, que nos siga albergando en nossas diferencias y desvios, no sin tensiones, hacia la multiplicação de los encuentros.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios**. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

ANZALDÚA, Gloria; MORAGA, Cherríe. **This bridge called my back: writings by radical women of color**. New York: Kitchen Table, 1981.

FALQUET, Jules. Lesbianisme. In: Hirata, Helena ; Laborie, Françoise ; Le Doaré, Hélène ; Sénotier, Danièle. **Dictionnaire critique du féminisme** (2ème édition augmentée, 2004). Paris : PUF, pp 102-108.

FALQUET, Jules. The Traffic in Women 2.0: de la economía política de la (hetero) sexualidad a la combinatoria straight. 2017. Disponível em: <https://julesfalquet.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/05/trad-esp-traffic-in-women-ii-7777779.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2025.

HALBERSTAM, Jack. **Masculinidad feminina**. Barcelona: Egales, 2008.

HALPERIN, David M. The normalization of queer theory. In: **Queer Theory and communication**. Londres: Routledge, 2014. p. 339-343.

LAURETIS, Teresa. Queer theory: Lesbian and gay sexualities an introduction. **differences**, v. 3, n. 2, p. iii-xviii, 1991.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

RICH, ADRIENNE. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios**. A Bolha Editora: Rio de Janeiro, 2019.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.